

Resgate do conhecimento etnozooterápico da Comunidade Barra do Una (Peruíbe-SP)

Rescue of the ethnozootherapeutic knowledge of the Barra do Una Community

(Peruíbe-SP)

Rescate del conocimiento etno-zooterapéutico de la Comunidad Barra do Una (Peruíbe-SP)

Recebido: 28/06/2020 | Revisado: 13/07/2020 | Aceito: 21/07/2020 | Publicado: 28/12/2020

Djalma Osmanir Pereira do Prado

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0052-2266>

Universidade Santa Cecília, Brasil

E-mail: djalmaosmanir@gmail.com

Milena Ramires

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7686-0838>

Universidade Santa Cecília, Brasil

E-mail: milena@unisanta.com

Resumo

Os animais são um dos recursos mais importantes para a humanidade desde os tempos primitivos. O uso destes como itens medicinais pode ser chamado de etnozooterapia, sendo essa uma atividade histórica e geograficamente difundida no mundo todo. Esta pesquisa teve como objetivo resgatar e descrever o conhecimento etnozooterápico da comunidade Barra do Una, uma comunidade tradicional da Cidade de Perúibe-SP. Foram feitas pesquisas de campo com os moradores, e os dados foram coletados por meio de questões semiestruturadas abordando o assunto. Foram citados 13 animais pelos entrevistados, e de acordo com eles, esses eram capazes de curar até 19 tipos de doenças. Os resultados da pesquisa mostraram um rico conhecimento sobre recursos medicinais faunísticos da comunidade, e o quão importante esse conhecimento foi para eles. Essas descrições, sobre os recursos faunísticos medicinais são importantes, principalmente, àquelas comunidades que não fazem mais o uso destes, como a da presente pesquisa, onde, além de fortalecer os laços culturais, também podem servir como fontes de estudos à diversas áreas de relação com a sabedoria tradicional, como exemplos: saúde pública, antropologia, educação ambiental e cultural, dentre outros usos.

Palavras-chave: Barra do Una; Caiçaras; Etnozooterapia; Medicina tradicional.

Abstract

Animals are one of the utmost important resources for humanity since primitive times. Its uses as medicinal items can be called ethnozoology, and it is an activity which is historically and geographically widespread throughout the world. This survey aimed to rescue and describe the ethnozoology of the Barra do Una, a traditional Community located in the municipality of Peruíbe- SP. Field research was conducted with residents, and its data were collected through semi-structured questions addressing the subject. 13 animals were cited by the interviewees, and according to them, these animals were able to treat 19 types of diseases. The research results showed a rich knowledge of faunal medicinal resources that the Community has. These descriptions are mainly important for Communities that no longer use these resources, such as the Community studied. These researches besides strengthening cultural ties, they can also serve as sources of studies for several areas related to traditional knowledge, such as: public health, anthropology, environmental and cultural education and so on.

Keywords: Barra do Una; Caiçaras; Ethnozoology; Traditional medicine.

Resumen

Los animales son uno de los recursos más importantes para la humanidad desde la antigüedad. El uso de estos como artículos medicinales se puede llamar etnozología, y es una actividad histórica y geográficamente generalizada en todo el mundo. Esta investigación tuvo como objetivo rescatar y describir la etnozología de la Barra do Una, una comunidad tradicional ubicada en el municipio de Peruíbe-SP. La investigación de campo se realizó con los residentes y los datos se recopilaron a través de preguntas semiestructuradas que abordan el tema. Los encuestados citaron 13 animales y, según ellos, pudieron tratar hasta 19 tipos de enfermedades. Los resultados de la encuesta mostraron una gran cantidad de conocimiento sobre los recursos medicinales faunísticos en la comunidad, y lo importante que era ese conocimiento para ellos. Estas descripciones de los recursos de fauna medicinal son importantes, principalmente, para aquellas comunidades que ya no los usan, como este estudio, donde, además de fortalecer los lazos culturales, también pueden servir como fuentes de estudios para diferentes áreas de relación con la sabiduría tradicional, como ejemplos: salud pública, antropología, educación ambiental y cultural, entre otros usos.

Palabras clave: Barra do Una; Caiçaras; Etnozoología; Medicina Tradicional.

1. Introdução

Os humanos, desde tempos primórdios, sempre buscaram na natureza, pelo menos, o básico à sua sobrevivência, fazendo uso de recursos naturais disponíveis de acordo com necessidades e conhecimentos específicos, que foram adquiridos e difundidos através de experimentações com resultados positivos e negativos, e também pela oralidade tradicional passada às gerações subsequentes, onde foram e são aptos a desenvolver formas próprias de usos ambientais e se adaptarem em seus respectivos limites geográficos com forte imersão a fatores históricos (Costa Neto, 1999a; Santos-Fita & Costa Neto, 2007; Alves, 2012; Alves & Souto, 2011; Alves et al., 2011; Alves & Souto, 2015; Araujo & Luna, 2017).

Os animais sempre estiveram inclusos como itens essenciais aos humanos, e seus usos divergem-se em variados aspectos utilitários, tais como: espirituais (de ordem cosmológica ou sobrenatural); psicológicos (doenças não físicas); alimentares; domesticares; de lazer; medicinais etc. (Alves e Souto, 2015), donde estabelecem relações significantes dentre sociedades do mundo todo, interferindo de modo integral e inevitável nos seus sistemas ecológicos, culturais, econômicos e sanitários (Alves & Rosa, 2005; Silva, 2008; Nieman et al., 2019).

Quando os animais são usados como recursos medicinais, pode-se utilizar o termo etnozooterapia, que se baseia sendo um fenômeno marcado por ampla distribuição geográfica e profunda origem histórica, na qual contém conjuntos de elementos cognitivos, ideológicos, comportamentais e emocionais relacionados às práticas de curas (Begossi, 1993; Lev, 2003; Costa Neto, 2016). Pode também ser chamada de zooterapia popular ou folclórica, frisando a função de reestabelecer o bem-estar físico e/ou psicológico dos indivíduos, formulando receitas com partes de corpo de animais, com seus produtos metabólicos, ou ainda com materiais construídos por estes, como: casulos, ninhos e outros (Andrade & Costa-Neto, 2006; Castillo & Ladio, 2019).

A etnozooterapia é relacionada a uma sub área da etnobiologia, a etnozooterapia, que se caracteriza teórico e metodologicamente como o uso inter e multidisciplinar de recursos animais, incluindo traços da antropologia cognitiva, da etnociência e da ecologia cultural, sendo fortemente influenciada pelas ciências biológicas e ecologia (Begossi, 1993; Santos-Fita & Costa-Neto, 2007; Costa-Neto, 2012; Costa-Neto, 2016).

Segundo Nieman et al. (2019), a utilização de animais como fontes medicinais alternativas está envolta, também, em induções folclóricas e em percepções psicológicas baseadas no reconhecimento transcultural, na observação do animal em seus ambientes

naturais, e ainda em contos e fábulas que os contenham. A exemplo, na região de Boland, província da África do Sul, os chacais (*Canis mesomelas*) são indicados para tratar doenças mentais e de função cognitiva, pois são animais astutos; e os espinhos de porco-espinho (*Hystrix africaeaustralis*) são usados na formulação de medicamentos, pois se sabe que eles se alimentam de raízes e tubérculos, itens muito utilizados na etnobotânica, a ciência que estuda a relação homem-planta (Nieman et al., 2019).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que cerca de 80% da população mundial utiliza a medicina tradicional (etnozoologia) (Fischer et al., 2018). Este sistema alternativo de cura veio ganhando adeptos de todas classes sociais, quer seja pelo alto preço que os medicamentos industrializados e consultas medicas podem apresentar ou pela eficácia representativa (Ortêncio, 1997; Alves & Rosa, 2005; Alves et al., 2007; Alves et al., 2011).

No Brasil as pesquisas sobre etnozooterapia se intensificaram nos últimos anos, tornando-o um dos mais importantes neste campo, onde diferentes manifestações culturais foram observadas (Alves & Souto, 2011; Alves, 2012; Costa Neto, 2012). Esses registros, além do mais, vêm sendo uma ferramenta valiosa a fim de descrever os potenciais da bioprospecção de determinadas áreas, acoplando o conhecimento tradicional à medicina moderna, e também num entendimento mais concreto e dinâmico sobre os fatores históricos, econômicos, sociológicos, antropológicos e ambientais da qual o homem mantém em seus respectivos ambientes naturais, podendo servir como base para gerenciamento de recursos naturais, onde constroem-se interfaces entre as ciências sociais e as naturais (Salltalla, 2000; Terra & Rebêlo, 2005; Ferreira et al., 2009a; Alves et al., 2011; Lima et al., 2014).

Vale lembrar que, mesmo sendo sancionado pelo IBAMA a Lei 5.197, desde 3 de janeiro de 1967, na qual proíbe em todo território brasileiro: a utilização, destruição, perseguição, caça ou apanho de animais selvagens, e assegurando proteção integral a seus ninhos, abrigos e criadouros naturais (Camargo & Camargo, 2010), de acordo com Alves et al. (2007), a etnozooterapia, para inúmeras comunidades brasileiras, continua sendo uma das únicas formas de se obter a cura de doenças, visto que, em muitos locais, o acesso à medicina moderna fica em segundo plano devido a inúmeros fatores geográficos e sociais. A exemplo, essa é uma atividade corriqueira na região nordeste brasileira, dadas as precárias situações socioeconômicas da região (Alves et al., 2007; Souto et al., 2018; Santos et al., 2019). Porém, de acordo com Santos et al. (2019), as atividades de caça, para obtenção do produto animal tanto para alimentação quanto para uso medicinal e outros, estão estritamente ligadas ao declínio populacional destes. Notou-se que, de acordo com alguns estudos etnozoológicos

(Fischer et al., 2018; Mata, 2019; Santos, 2019), muitas espécies ameaçadas de extinção são usadas em sistemas atuais.

Nas comunidades em que a etnozooterapia não é mais praticada, o intercâmbio informacional entre elas e os estudos científicos pode contribuir significativamente para o resgate e fortalecimento do conhecimento tradicional local (Salltalla, 2000; Diegues, 2004; Alves & Rosa, 2005; Gondra & Andrade 2007; Lima et al., 2014; Costa Neto, 2016).

Assim, o objetivo dessa pesquisa foi, através de um questionário semiestruturado, fazer um resgate do conhecimento etnozoológico de uma comunidade tradicional caiçara, a Barra do Una- Peruibe (SP), da qual não mais utiliza os recursos animais medicinalmente.

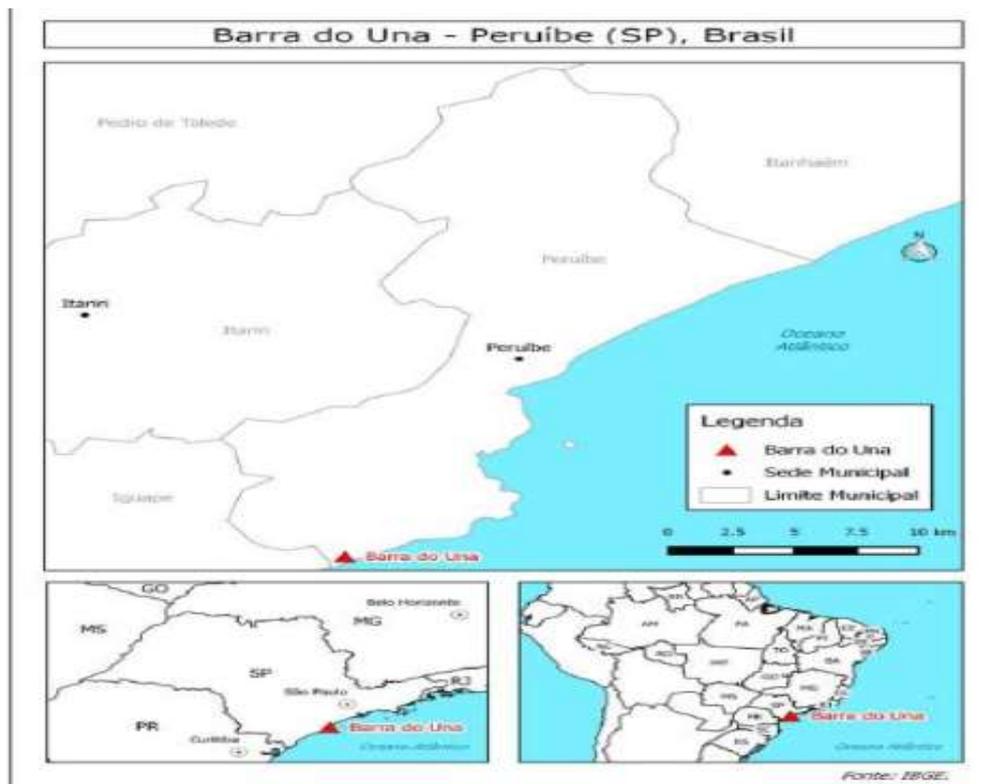
2. Metodologia

2.1 Área de estudo

Atualmente, a Vila Caiçara Barra do Una (figura 1) se enquadra como uma reserva de desenvolvimento sustentável. Está localizada na zona rural da Cidade de Peruíbe, no Litoral Sul Paulista, a cerca de 28 km do centro da cidade. Faz parte do Mosaico de Unidades de Conservação Juréia-Itatins, que também engloba parte dos municípios de Iguape, Miracatu, Pedro de Toledo e Itariri (Souza e Souza, 2004). Está entre as coordenadas geográficas 24° 26' 33" e 24° 26' 06" S e 47° 04' 38" e 47° 03' 39" W (Camargo et al., 2009). Na região predomina-se o Clima Subtropical Oceânico das Baixadas Litorâneas da Fachada Sul-Oriental do Brasil, com temperatura e pluviosidade média anual de 21,1° C e 2800-3000 mm (Camargo et al., 2009).

A Reserva de Desenvolvimento Sustentável Barra do Una (RDSBU) inclui atualmente 43 famílias que moram no bairro em tempo integral, e há também outros moradores de veraneio. A pesca é tida como uma das principais atividades de subsistência, e é realizada pela maioria de moradores, onde eles complementam as bases econômicas com atividades ligadas ao ecoturismo, tais como: campings, bares, restaurantes, pousadas, etc. A RDSBU apresenta uma praia com extensão de cerca e 2 km, um posto de saúde, uma escola de ensino fundamental, um Centro Comunitário, uma igreja Assembléia de Deus e uma capela de Santo Antônio (Prado et al., 2017). A mesma se situa entre os limites litorâneos dos municípios de Peruíbe e Iguape.

Figura 1. Área de estudo: Barra do Una, Peruíbe-SP.



Fonte: Ferreira (2015).

2.2 Materiais e métodos:

Foram realizadas, durante o período entre março a junho de 2015, pesquisas de campo com as famílias da RDSBU, abordando questões relacionadas ao conhecimento etnozooterápico. As questões abordaram quais animais medicinais foram utilizados na medicina tradicional local, a forma como eram feitas as receitas, qual parte animal era utilizada e o tipo de doença que pode ser tratada. A coleta de dados ocorreu, criteriosamente, com informantes maiores de 18 anos, entrevistando um representante de cada família, dando preferência aos mais antigos quando presentes, mas também ouvindo e anotando as informações dos outros membros da família que quiseram participar. Todos os resultados presentes nessa pesquisa foram coletados de moradores que moram em tempo integral no bairro, levando em consideração o tempo de moradia e a tradicionalidade.

Por serem recursos não mais utilizados pela comunidade, se tratam de dados importantes. Sendo assim, a pesquisa descreveu qualquer porcentagem de citação.

As espécies ou famílias animais foram identificadas por fotos e comparados com as referências encontradas em: Graipel et al. (2017); Marques & Duleba (2004) e Prado et al. (2008).

Todos os procedimentos metodológicos foram aprovados pelo Comitê de ética em Pesquisa da UNISANTA, sob o parecer nº 571.156 e sua execução em área de Unidade de Conservação foi autorizada pela Comissão Técnico-Científica (COTEC) do Instituto Florestal (Carta COTEC nº. 706/2013 D137/2013 AP).

3. Resultados

Antes de tudo, é importante ressaltar que o termo “doença” é representado pelos moradores como qualquer situação de enfermo, incluindo os sintomas de patologias propriamente ditas. Sendo assim, dor, tosse e falta de ar, por exemplo, são descritos por eles como doenças.

Foram entrevistadas 37 famílias, na qual indicaram 13 animais e 19 tipos de doenças que puderam ser tratadas com estes. O lagarto teiú foi o animal mais citado (86,49% dos informantes), parecendo ter sido um recurso muito importante. Os demais animais citados foram: galinha (59,46%); jacaré (40,54%); tartaruga (24,32%); capivara (21,62%); quati (16,22%); peixe boi e tatu (8,11% cada); paca, raposa e macuco (cada um com 5,41%); sauaritá e baleia (ambos com 2,7% cada). Os nomes populares, suas identificações taxonômicas, a parte ou produto animal na qual se utiliza, as doenças indicadas, as formas de preparo das receitas e indicações medicinais estão representadas na tabela 1.

Dois filos animais foram citados, os cordados, abrangendo: os mamíferos (54,85%), os répteis (23,08%) e aves (15,38%); e o filo molusca, na qual é representado apenas pela classe gastrópoda (7,69%).

Notou-se que os moradores com idade superior a 60 anos têm conhecimentos mais apurado sobre o assunto, citando, comumente, mais de quatro animais.

Tabela 1. Animais medicinais, partes ou produtos utilizados e indicações citadas pelos entrevistados na Reserva de Desenvolvimento Sustentável da Barra do Una (Peruíbe/SP). n=37.

Nome popular local	Identificação taxonômica	Parte utilizada	Indicação medicinal	Forma de uso
Filó Chordata- Classe Mammalia				
Baleia	Cetácea	Banha	Cortes	esquentar a banha e fazer esfregação local
Peixe boi	<i>Trichecus manatus</i>	Banha	Dores	esquentar a banha e fazer esfregação local
Tatu	Dasypodidae	Banha	Reumatismo	consumo da banha esquentada e/ou misturada a um chá ou suco; esquentar a banha e fazer esfregação local
			Gripe	consumo da banha esquentada e/ou misturada a um chá ou suco
			Bronquite	consumo da banha esquentada e/ou misturada a um chá ou suco
Quati	<i>Nasua nasua</i> (Linnaeus, 1766)	Banha	Queda de cabelo/ calvície	consumo da banha esquentada e/ou misturada a um chá ou suco; esquentar a banha e fazer esfregação local
		Pênis	Impotência sexual	Fazer um chá com o pênis do animal
Paca	<i>Agouti paca</i>	Carne	Dores no corpo	cozinhar e consumir
			Inflamações	cozinhar e consumir
Saruê, raposa ou gambá	<i>Didelphis aurita</i>	Banha	Bronquite	consumo da banha esquentada e/ou misturada a um chá ou suco
			Tosse	consumo da banha esquentada e/ou misturada a um chá ou suco
		Carne	Dores	cozinhar e consumir
			Reumatismo	consumo da banha esquentada e/ou misturada a um chá ou suco
			Dores	consumo da banha esquentada e/ou

Capivara	<i>Hydrochoerus hydrochaeris</i> (Linnaeus, 1766)	Banha		misturada a um chá ou suco; esquentar a banha e fazer esfregação local
			Bronquite	consumo da banha esquentada e/ou misturada a um chá ou suco
Filó Chordata- Classe Aves				
Galinha	<i>Gallus gallus domesticus</i>	Banha	Gripe	consumo da banha esquentada e/ou misturada a um chá ou suco; passar banha aquecida no peito
			Tosse	consumo da banha esquentada e/ou misturada a um chá ou suco; esquentar a banha e colocá-la diretamente no peito
			Falta de ar	esquentar a banha e colocá-la diretamente no peito; fazer esfregação
			Catarro	esquentar a banha e fazer esfregação local (peitoral)
			Bronquite	consumo da banha esquentada e/ou misturada a um chá ou suco
			Cólica	esquentar a banha e fazer esfregação local
			Dores lombares	esquentar a banha e fazer esfregação local
Macuco	<i>Tinamus solitarius</i>	Banha	Surdez	Aquecer e colocar diretamente no ouvido
Filó Chordata- Classe Reptilia				
Jacaré	Alligatoridae	Carne	Inflamações	consumo da banha esquentada e/ou misturada a um chá ou suco
			Furúnculo	consumo da banha esquentada e/ou misturada a um chá ou suco
		Banha	Furúnculo	consumo da banha esquentada e/ou misturada a um chá ou suco
			Tétano	consumo da banha esquentada e/ou misturada a um chá ou suco
		Dor de ouvido	Aquecer e colocar diretamente no	

				ouvido
			Dores em geral	consumo da banha esquentada e/ou misturada a um chá ou suco
Teiú	<i>Tupinambis merianae</i>	Banha	Reumatismo	consumo da banha esquentada e/ou misturada a um chá ou suco
			Dores	consumo da banha esquentada e/ou misturada a um chá ou suco
			Picada de cobra	consumo da banha dos animais esquentada e/ou misturada a um chá ou suco; passar banha aquecida no local
			Bronquite	consumo da banha esquentada e/ou misturada a um chá ou suco
			Furúnculo	consumo da banha esquentada e/ou misturada a um chá ou suco
			Inflamação	
			Tétano	consumo da banha esquentada e/ou misturada a um chá ou suco
			Cortes/ cicatrizante	consumo da banha dos animais esquentada e/ou misturada a um chá ou suco
			Tartaruga	Chelonia
Reumatismo	esquentar a banha e fazer esfregação local			
Dores	consumo da banha dos animais esquentada e/ou misturada a um chá ou suco; esquentar a banha e fazer esfregação local			
Bronquite	consumo da banha esquentada e/ou misturada a um chá ou suco			
Tosse	consumo da banha esquentada e/ou misturada a um chá ou suco			
Filo Molusca- Classe Gastropoda				

Saquaritá	Stramonita spp.	Fel (sistema digestório)	Impotência sexual	Cozinhar e consumir
			Infecção urinária	Cozinhar e consumir

Fonte: Autores.

Dentre os 19 tipos de doenças que já foram curadas utilizando os produtos naturais, as mais citadas foram: reumatismo, dores, bronquite, gripe e furúnculo. Essas e as demais doenças citadas e os animais que foram descritos como produtos medicinais estão representados na Tabela 2.

Tabela 2. Doenças e animais indicados para tratamento citados pelos entrevistados na Reserva de Desenvolvimento Sustentável da Barra do Una (Peruíbe/SP).

Tipo de doença, (% de citação)	Animais indicados
Reumatismo, (23,97)	Lagarto teiú, capivara, tartaruga, tatu
Dores, (13,22)	Lagarto teiú, peixe boi, tartaruga, paca, jacaré, capivara
Bronquite, (11,57)	Tartaruga, galinha, capivara, tatu, lagarto teiú, raposa
Gripe, (9,92)	Galinha, tatu
Furúnculo, (9,09)	Jacaré, lagarto teiú
Tosse, (4,96)	Raposa, galinha, tartaruga
Inflamações, (4,13)	Jacaré, paca, tatu, lagarto teiú
Calvície/queda de cabelo, (3,31)	Quati
Asma, (3,31)	Galinha
Cortes, (2,48)	Lagarto teiú, baleia
Tétano, (2,48)	Lagarto teiú, jacaré
Caxumba, (1,65)	Tartaruga
Surdez, (1,65)	Macuco
Catarreira, (1,65)	Galinha
Impotência sexual, (1,65)	Saquaritá, quati
Dor de ouvido, (1,65)	Jacaré
Picada de cobra, (1,65)	Lagarto teiú
Cólica, (0,83)	Galinha
Infecção urinária, (0,83)	Saquaritá

Fonte: Autores.

Das doenças citadas, os animais mais representativos foram: o lagarto teiú, capaz de tratar 8 tipos de enfermidades; a tartaruga e galinha, que foram indicados para 5 tipos de doenças cada.

A parte animal mais citada foi a banha (89,62%), seguida da carne (4,72%), pênis (0,94% cada) e fel (sistema digestório) (0,94%). Alguns informantes indicaram o animal, mas não souberam responder quais doenças poderiam ser curadas usando-o (3,77%).

Três entrevistados indicaram os animais, as partes ou produtos utilizados e as doenças tratadas, mas não souberam responder como eram formuladas as receitas (8,11%).

A banha derretida ou esquentada dos animais, quando misturada a um chá ou suco, foi a maneira mais descrita, sendo um padrão citado por todos os informantes. Eles a empregavam desta forma para tratar muitas enfermidades, como: reumatismo, gripe, inflamações, tosse, bronquite e dores em geral. Outras maneiras de utilização da banha animal incluem: a) esquentá-la e colocá-la diretamente no peito, podendo ser manuseada com auxílio de um papel ou pano afim de tratar patologias do sistema respiratório; b) aquecê-la e fazer esfregação no local, para tratar reumatismo, dores e picadas de cobra; c) colocar a banha aquecida direto no ouvido, para tratar problemas nessa região; e d) usar a banha aquecida ou não para fazer esfregações a fim de tratar calvície. A banha de teiú foi indicada para diversos fins, dentre eles se destacam sua utilização para tratar reumatismo, dores em geral, bronquite e inflamações. Segundo os informantes, bronquite, além da utilização do lagarto teiú, também era curada a partir de banhas de tartaruga, capivara, raposa e tatu. Já para o tratamento de furúnculos, os moradores indicaram o uso da banha derretida de lagarto teiú ou de jacaré, tomando-as em um chá e/ou passando-as diretamente no local afetado, segundo eles, esse método acelerava o processo de inflamações, diminuindo o tempo da patologia. O quati foi o animal descrito para tratar calvície, massageando as banhas do animal na cabeça. A banha de galinha foi transcrita para curar gripe, tosse, falta de ar e catarreira. Para dores corporais, também indicaram o consumo das banhas de peixe boi e tartaruga. Embora a maioria dos moradores não especifique o tipo de chá na qual as banhas animais deveriam ser misturadas, alguns indicaram a folha de pimenta, de laranja e sementes de abobora moranga.

É válido ressaltar que o nome “raposa” se refere a um marsupial (*Didelphis aurita*), e este animal é vulgarmente também conhecido por outros nomes na comunidade, como gambá ou saruê.

O consumo da carne do animal também foi descrito a fins medicinais. A de jacaré, por exemplo, acompanhada ou não por um chá, foi uma receita boa para “afinar” o sangue, assim, era método utilizado para tratar inflamações e furúnculos, segundo informantes, ela

“puxava a inflamação” acelerando seu processo, assim como o uso de sua banha acima citada. Segundo uns informantes, o consumo de carne de outros animais, como, por exemplo, capivara ou paca, auxiliava na diminuição de dores corporais.

O chá do pênis de quati e o consumo do “fel” (sistema digestório) do saquarítá foram somente citados por uma família cada. Ambas receitas, de acordo com os informantes, são capazes de tratar impotência sexual. O fel do saquarítá, de acordo com o único informante que o citou, também é capaz de tratar infecções urinárias.

4. Discussão

Nota-se que, devido a inúmeros fatores dos locais onde há a etnozootologia, entende-se que é inconcebível que as estratégias visando a conservação de animais sejam criadas sem considerar os interveres histórico-sociais, histórico-culturais e históricos-ambientais das populações dependentes e seus respectivos conhecimentos (Alves, 2012; Souza & Alves, 2014; Nieman et al., 2019). A utilização de animais na atualidade está envolta por determinantes socioculturais e socioeconômicos regionais (Alves et al., 2007), onde deve-se levar em conta tanto sua importância para culturas humanas que necessitem desses, quanto a preservação dos mesmos, já que muitas espécies estão com suas populações declinando (Fischer et al., 2018; Mata, 2019; Santos, 2019). A formulação de muitos medicamentos da atualidade, certamente, esteve estritamente ligada ao conhecimento tradicional, incrementando a medicina moderna (Costa-Neto & Oliveira, 2000; Lev, 2003; Silva et al., 2004; Moura & Marques, 2008; Alves & Souto, 2011; Alves et al., 2011) o que mostra a importância em descrevê-los.

Os zoterápicos se incorporam aos padrões étnicos locais, e constituem-se como importante parte da cultura, donde os conhecimentos e costumes são absorvidos e repassados de acordo com o uso (Pinto & Maduro, 2003; Alves & Souto, 2011). Estudos sobre os recursos naturais, tais como os animais medicinais, auxiliam numa melhor compreensão do importante papel da conservação na atualidade, assim como descrevendo as formas como foram manejados historicamente (Santos, 2009), e ainda podendo servir de bases de estudos para descrição de espécies já existentes em certos locais.

Assim como na RDSBU, a banha foi a matéria prima mais descrita por outros pesquisadores da etnozooterapia brasileira (Salltalla, 2000; Pinto & Maduro, 2003; Silva et al., 2004; Moura & Marques, 2008; Ferreira et al., 2009a; Santos et al., 2015; Mata, 2019). De acordo com Santos et al. (2015), a banha, por ser escorregadia, tem propriedades que auxiliam

no exercício da massagem, diminuindo o atrito entre as mãos e o tecido a ser tratado, além de possuir consistência física parecida com as das pomadas farmacêuticas.

A gordura/banha do lagarto teiú foi a matéria prima mais citada no presente estudo, sendo também descrito por outros municípios brasileiros, tais como: Santa Cruz do Capibaribe, no Pernambuco (Alves et al., 2011); Queimadas, na Paraíba (Santos, 2009); em Glória, município baiano (Costa Neto, 1999a); em cinco municípios (Maturéia, Santa Luzia, São José do Sabugi, São Mamede e Várzea) do semiárido nordestino, na Paraíba (Souto et al., 2018), e na Comunidade Caatinga, no município de São José da Lagoa, na Paraíba (Santos et al., 2019). Segundo Ferreira et al. (2009a), doenças como: dor de ouvido, infecções e dor de garganta podem ser causadas por agentes bacterianos, e são largamente tratadas com produtos, principalmente gordura, derivados do lagarto teiú no Brasil. Já que inúmeras pesquisas etnozooterápicas sugeriram que esse animal tivesse componentes antibacterianos, foi feita uma análise na composição química da gordura corporal do animal, onde, isoladamente e em combinações com outros agentes bacterianos, não apresentou nenhum efeito satisfatório condizente com o conhecimento popular (Ferreira et al., 2009a).

A banha da galinha, na comunidade estudada, esteve restrita a curar enfermidades do sistema respiratório, como: tosse, gripe, falta de ar, catarreia, etc. Este bioproduto foi também citado por outras comunidades brasileiras, das quais, muitas ainda a utiliza contra essas mesmas complicações fisiológicas e outras (Costa Neto, 1999a; Figueiredo, 1994; Ortencio, 1997; Pinto & Maduro, 2003; Terra & Rabelo, 2005; Alves et al., 2011; Costa Neto & Oliveira, 2009; Ferreira et al., 2009b; Santos, 2009).

O fel do saquarítá, informado na pesquisa, trata-se do sistema digestório do animal, contendo sulcos gástricos, na qual quando consumido causa o amargor, e com isso é denominado “fel”.

O quati foi animal citado em outros estudos que, assim como na RDSBU, também indicaram o chá do seu pênis para tratamento de impotência sexual (Costa Neto, 1999b; Figueiredo, 1994; Moura & Marques, 2008), e sua banha para quedas de cabelo (Ortêncio, 1997). Para quedas de cabelo, outros pesquisadores indicaram outros animais em suas pesquisas: moscas amassadas ou óleo extraído da medula óssea do fêmur de boi (Costa Neto & Oliveira, 2000) e banha da anta (Figueiredo, 1994).

De acordo com Alves (2012), um mesmo animal pode ser usado de muitas maneiras, e as formas como tal recurso é manuseado depende da cultura local imposta. Neste contexto, muitas receitas diferentes utilizando o mesmo animal foram formuladas no território brasileiro. A exemplos, Silva (2008) relatou o uso da banha de jacaré para tratar acidentes

cérebro vasculares, e de capivara para problemas inflamatórios e respiratórios. Silva et al. (2004) relataram o uso do couro de jacaré para curar epilepsia. As comunidades ribeirinhas de São João e Colônia Central, na Amazônia (Terra e Rabelo, 2005) fazem uso da banha de tartaruga como protetor solar natural, e o rabo ou banha de tatu contra dor de dente. O rabo do tatu foi a parte animal também citado em outros estudos, indicado para tratamento de dor de ouvido e surdez (Pinto & Maduro, 2003; Ferreira et al., 2009b; Santos, 2009; Souto et al., 2018).

Assim como um mesmo animal pode ser usado de diferentes maneiras, uma patologia pode ser curada por diferentes animais (Alves, 2012). Desse modo, na comunidade estudada, para tratar reumatismo são indicados quatro animais: lagarto teiú, capivara, tatu e tartaruga. Em outras comunidades são empregados os usos de outros animais contra essa enfermidade, como: a banha da baleia (Teria- Eutheria- Cetácea) (Silva et al., 2004); a gordura de baiacu (*Sphoeroides testudineus*) (Costa Neto, 1999b); o grilo (*grillus* sp.) torrado ou banha de anta (*Tapirus terrestres terrestres*) (Figueiredo, 1994); o caldo da carne do cangambá (*Conepatus semistriatus*) (Costa Neto, 1999a); a gordura de ema (*Rhea americana*) (Costa Neto e Oliveira, 2000); e a banha de jacaré (Alligatoridae) (Ortencio, 1997; Silva, 2008).

As diferentes formas como os recursos são manuseados pelas inúmeras comunidades brasileiras, transparece seus históricos culturais de uso do ambiente, sendo relativos com dois aspectos: o conhecimento presente sobre tal espécie e a disponibilidade ambiental dos mesmos. A exemplo, de acordo com Salltalla (2000), os pescadores da praia de Siribinha, na Bahia, utilizam a gordura do caranguejo uçá (*Ucides cordatus*) para tratamento de hemorragias femininas; e para asma, eles usam o pó do caranguejo garoçá (*Ocypode quadrata*) tostado. Estes crustáceos são encontrados na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Barra do Una, mas nenhum morador os utiliza etnomedicinalmente, ou não se lembrou de citá-los.

De acordo com os informantes, o peixe boi, ou mais precisamente sua banha, era usada contra dores no corpo. Olmos e Matrascelli (2004), indicam, descritivamente, que as evidências de existência desse mamífero nessa região são frágeis, e que não havia prova física suficiente para provar sua ocorrência, a não ser que fossem encontradas ossadas deste animal em sambaquis na região. Nesse sentido, as informações sobre o uso deste animal repassadas pelos moradores conduziram para desvelar esta hipótese.

O saquiratá é um molusco predado, comumente, quando ocorre a cata de mariscos, sendo muitas vezes cozido e posteriormente consumidos juntos. Embora esse animal tenha sido pouco lembrado, é de suma importância verificar que, se suas eficácias contra as

enfermidades citadas forem comprovadas, junto com as espécies de peixes citadas no estudo anterior nessa área (Prado et al., 2017), ele se torna um dos únicos recursos animais medicinais ainda utilizados na comunidade, mesmo que de forma indireta.

5. Considerações Finais

Os vários conjuntos humanos se adaptaram a usarem os recursos disponíveis geograficamente segundo seus conhecimentos socioantropológicos. Na maioria dos casos, há sacrifício do animal para se retirar o produto de importância, visto que, a grande parte das pesquisas sobre animais medicinais aponta que a banha, a carne, os órgãos e outros produtos internos são mais usados do que os produtos feitos por eles, como os ovos, os meios, ou até mesmo o leite. Isso acontece porque, normalmente, esses são usados como alimentação, e acabam passando despercebidos dependendo das perguntas do questionário aplicado pelo pesquisador. Num contexto histórico, levando em consideração a cultura local, as condições geoclimáticas e as crenças, quando o animal é morto, nesse sentido, provavelmente, o restante do animal é ou era aproveitado de outras maneiras, tais como, por exemplo, os ossos, couros e penas como artesanatos e amuletos, e o couro podendo ainda servir como vestimentas também, servindo como isolante térmico. Dessa forma, entende-se que os usos medicinais de animais silvestres acompanharam seus usos como alimento ou outras formas de utilização.

Estudos que analisem, em laboratório, a eficácia da medicina popular no Brasil são importantes tanto sob perspectiva de saúde humana quanto para preservação de espécies. Estas análises, quando combinadas com o conhecimento popular descrito, podem se valer de novos achados para a medicina moderna, podendo formular mais medicamentos a fim de curar certas doenças. Também se percebe que há necessidade de interferência das organizações públicas quanto ao acesso da população à saúde, principalmente as mais isoladas, dado que, em muitos lugares, o uso dos animais como recursos medicinais está estritamente interligado ao não acesso a direitos humanos básicos, como a saúde. Vale ressaltar que, além de dar atenção à saúde, os órgãos responsáveis devem desenvolver nesses locais opções socioeconômicas equivalentes aos ganhos derivados com a venda de produtos zooterápicos da qual muitas populações necessitam.

As informações repassadas em pesquisas da etnozootologia, além de demonstrarem o domínio e sabedoria que humanos têm ou teve em ambientes naturais, podem ainda servir como bases de pesquisas sobre estudos antropológicos e comportamentais, contribuindo para um fortalecimento cultural local. Esses dados podem ser usados futuramente na reeducação

cultural, fazendo com que as futuras gerações, mesmo que não possam utilizar, saibam e repassem essas informações como um fomento transcultural. Além disso, é notável que há grande relação desses estudos com variadas áreas, como: saúde pública, aspectos socioeconômicos de regiões, preservação etc.

Na RDSBU, a galinha e o saquirá são um dos recursos medicinais descritos que ainda podem ser utilizados pela comunidade sem restrições de usos. Porém, até mesmo estes animais, que não se enquadram nas leis ambientais de proteção da fauna brasileira, não mais se utilizam dessa maneira. O saquirá é um produto consumido por grande parte dos moradores, o que mostra que pode estar sendo usado de maneira cruzada entre a alimentação e a medicina tradicional na qual é citado.

Desde que as leis ambientais, sob ponto de vista preservacional, não permitiram mais a utilização de animais como itens etnomedicinais, muita coisa foi modificada na Comunidade Barra do Una a partir daí. Mudou a forma como o ambiente foi encarado por eles, causando dependência mútua pelos recursos urbanos e industrializados. Pouco foi repassado pelas gerações subsequentes, diminuindo a quantidade de informação relevante ao assunto ou caindo em desuso muitas receitas medicinais, das quais durante muito tempo foram essenciais à saúde coletiva na vila. Muitos estudos realizados na RDSBU revelam um grande conhecimento tradicional, assim, espera-se que haja investigações sobre etnoconhecimento em outras áreas do Mosaico de Unidades de Conservação Juréia Itatins,

Referências

Almeida, C. F. C. B. R. & Albuquerque, U. P. (2002). Uso e conservação de plantas e animais medicinais no estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil): um estudo de caso. *Interciencia*, 27(6), 276-285.

Alves, R. R. & Rosa, I. L. (2005). Why study the use of animal products in traditional medicines? *Journal of ethnobiology and ethnomedicine*, 1(1), 5.

Alves, R. R., Rosa, I. L. & Santana, G. G. (2007). The role of animal-derived remedies as complementary medicine in Brazil. *BioScience*, 57(11), 949-955.

Alves, R. R. N. & Souto, W. M. S. (2011). Ethnozoology in Brazil: current status and perspectives. *Journal of ethnobiology and ethnomedicine*, 7(1), 22.

Alves, R. R. N. & Souto, W. M. S. (2015). Ethnozoology: a brief introduction. *Ethnobiology and conservation*, 4.

Alves, R. R. N. (2012). Relationships between fauna and people and the role of ethnozoology in animal conservation. *Ethnobiology and conservation*, 1(2), 1-69.

Alves, R. R. N., Barbosa, J. A., Santos, S. L., Souto, W. & Barboza, R. R. (2011). Animal-based remedies as complementary medicines in the semi-arid region of northeastern Brazil. *Evidence-based complementary and alternative medicine*, 2011.

Andrade, J. N. & Costa-Neto, E. M. (2006). O comércio de produtos zoterápicos na cidade de Feira de Santana, Bahia, Brasil. *Sitientibus Série Ciências Biológicas (Etnobiologia)*, 6, 37-43.

Araujo, D. F. S. & Luna, K. P. O. (2017). Os répteis e sua representação social: uma abordagem etnozoológica. *Ethnoscientia*, 2(1).

Begossi, A. (1993). Ecologia humana: um enfoque das relações homem-ambiente. *Interciência*, 18(3), 121-132.

Camargo, C. M. J., Camargo, L. J. J. & Sueiro, R. F. (2010). A criação amadora de pássaros nativos e os danos ambientais à fauna do Mato Grosso do Sul.

Camargo, T. C. C., Novaes, L. L., Magenta, M. A. G., Moura, C. & Pastore, J. A. (2009). Caracterização do estágio sucessional da vegetação da restinga da Vila da Barra do Una, Peruíbe, SP. *IF Sér. Reg., São Paulo*, (40), 83-87.

Castillo, L. & Ladio, A. H. (2019). Zotherapy and rural livestock farmers in semiarid Patagonia: the transfer of animal aptitudes for health. *Ethnobiology and Conservation*, 8.

Costa-Neto, E. M. & Oliveira, M. V. M. (2000). Cockroach is good for asthma: zotherapeutic practices in Northeastern Brazil. *Human Ecology Review*, 41-51.

Costa-Neto, E. M. (1999a). Recursos animais utilizados na medicina tradicional dos índios Pankararé que habitam no nordeste do estado da Bahia, Brasil. *Actualidades Biológicas*, 21(70), 69-79.

Costa-Neto, E. M. (1999b). Healing with animals in Feira de Santana city, Bahia, Brazil. *Journal of ethnopharmacology*, 65(3), 225-230.

Costa-Neto, E. M. (2012). A Etnozoologia no Brasil: um panorama bibliográfico. *Títulos não-correntes*, 14(2).

Costa-Neto, E. M. (21 a 26 de nov. de 2016). Eraldo Medeiros Costa Neto (organizador), *Z Arte Editora*. Xi Simpósio Brasileiro de Etnobiologia e Etnoecologia i Festival de Sementes Crioulas da Bahia. Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia, Brasil.

Ferreira, F. S., Brito, S. V., Costa, J. G., Alves, R. R., Coutinho, H. D. & Almeida, W. D. O. (2009a). Is the body fat of the lizard *Tupinambis merianae* effective against bacterial infections? *Journal of Ethnopharmacology*, 126(2), 233-237.

Ferreira, F. S., Brito, S. V., Ribeiro, S. C., Almeida, W. O. & Alves, R. R. (2009b). Zootherapeutics utilized by residents of the community Poço Dantas, Crato-CE, Brazil. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*, 5(1), 21.

Ferreira, P. T. A. (2015). *Do passado que insiste em persistir: conflitos e possibilidades para um desenvolvimento do turismo de base comunitária na Vila de Barra do Una em Peruíbe (SP)*. Dissertação de pós graduação em mudança social e participação política, Universidade de São Paulo. São Paulo.

Figueiredo, N. (1994). Os " bichos " que curam: os animais e a medicina de " folk " em Belém do Pará.

Fischer, M. L., Palodeto, M. F. T. & Santos, E. C. D. (2018). Uso de animais como zooterápicos: uma questão bioética. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 25(1), 217-243.

- Gondra, J. A., & Andrade, L. H. C. (2007). Conhecimento tradicional e sustentabilidade: o caso da comunidade pesqueira da praia de Itapuama-Cabo de Santo Agostinho/PE. *Interciência*, 27(1), 2-33.
- Graipel, M. E., Cherem, J. J., Monteiro-Filho, E. L., & Carmignotto, A. P. (2017). Mamíferos da Mata Atlântica. *Revisões em Zoologia: Mata Atlântica*, 391-482.
- Lev, E. (2003). Traditional healing with animals (zootherapy): medieval to present-day Levantine practice. *Journal of Ethnopharmacology*, 85(1), 107-118.
- Lima, J. R. B., Florêncio, R. R. & Santos, C. A. B. (2014). Contribuições da Etnozoologia para a Conservação da Fauna Silvestre. *Revista Ouricuri*, 4(3), 48-67.
- Marques, O. A. V. & Duleba, W. (2004). Estação ecológica juréia-itatins: ambiente físico, flora e fauna. Ribeirão Preto: Holos Editora.
- Mata, L. M. (2019). Etnozoologia da comunidade rural do sertão em Alto Paraíso de Goiás, GO, Brasil.
- Moura, F. D. B. P. & Marques, J. G. W. (2008). Zooterapia popular na Chapada Diamantina: uma medicina incidental? *Ciência & Saúde Coletiva*, 13, 2179-2188.
- Nieman, W. A., Leslie, A. J. & Wilkinson, A. (2019). Traditional medicinal animal use by Xhosa and Sotho communities in the Western Cape Province, South Africa. *Journal of ethnobiology and ethnomedicine*, 15(1), 34.
- Olmos, F. & Martuscelli, P. (2004). Répteis, aves e mamíferos marinhos do litoral sul de São Paulo. MARQUES, OAV, DULEBA, W. *Estação Ecológica Juréia-Itatins, ambiente físico, flora e fauna. Ribeirão Preto: Holos Editora.*
- Ortêncio, W. B. (1997). *Medicina popular do centro-oeste*. Thesaurus Editora.
- Pinto, A. A. D. C. & Maduro, C. B. (2003). Produtos e subprodutos da medicina popular comercializados na cidade de Boa Vista, Roraima. *Acta Amazônica*, 33(2), 281-290.

Prado, D. P., Zeineddine, G. C., Vieira, M. C., Barrella, W. & Ramires, M. (2017). Preferências, tabus alimentares e uso medicinal de peixes na reserva de desenvolvimento sustentável Barra do Una, São Paulo. *Ethnoscientia*, 2(1).

Prado, M. R. D., Rocha, E. C., & Giudice, G. M. L. D. (2008). Mamíferos de médio e grande porte em um fragmento de Mata Atlântica, Minas Gerais, Brasil. *Revista Árvore*, 32(4), 741-749.

Salltalla, F. (2000). Faunistic resources used as medicines by artisanal fishermen from siribinha beach, state of bahia, brazil'. *Journal of Ethnobiology*, 20(1), 93-109.

Santos, S. L. D. X. (2009). Animais e plantas utilizadas como medicinais por uma comunidade rural do semi-árido da Paraíba, Nordeste do Brasil. Dissertação de Mestrado em Ciência e Tecnologia Ambiental, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, Brasil.

Santos, S. S. (2019). Conhecimento tradicional e utilização da fauna silvestre em São José da Lagoa Tapada, Paraíba, Brasil. *Etnobiologia*, 17(1), 31-48.

Santos-Fita, D. & Costa-Neto, E. M. (2007). As interações entre os seres humanos e os animais: a contribuição da etnozootologia. *Biotemas*, 20(4), 99-110.

Santos, S. S., Lucena, R. F. P., Soares, H. K. L., Soares, V. M. S., Sales, N. S. & Mendonça, L. E. T. (2019). Use of mammals in a semi-arid region of Brazil: an approach to the use value and data analysis for conservation. *Journal of ethnobiology and ethnomedicine*, 15(1), 33.

Silva, A. L. D. (2008). Animais medicinais: conhecimento e uso entre as populações ribeirinhas do rio Negro, Amazonas, Brasil. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 3(3), 343-357.

Silva, M. L. V., Alves, Â. G. C. & Almeida, A. V. (2004). A zooterapia no Recife (Pernambuco): uma articulação entre as práticas e a história. *Biotemas*, 17(1), 95-116.

Souto, W. M. S., Barboza, R. R. D., Fernandes-Ferreira, H., Júnior, A. J. C. M., Monteiro, J.M., Abi-chacra, É. A. & Alves, R. R. N. (2018). Zootherapeutic uses of wildmeat and associated products in the semiarid region of Brazil: general aspects and challenges for conservation. *Journal of ethnobiology and ethnomedicine*, 14(1), 60.

Souza, C. D. G. & Souza, A. P. (2004). Geologia e geomorfologia da área da Estação Ecológica Juréia-Itatins. *Estacao Ecológica Jureia-Itatins. Ambiente Físico, Flora e Fauna (OAV Marques & W. Duleba eds). Holos Editora, cap, 2, 16-33.*

Souza, J. B. & Alves, R. R. N. (2014). Hunting and wildlife use in an Atlantic Forest remnant of northeastern Brazil. *Tropical Conservation Science*, 7(1), 145-160.

Terra, A. K. & Rebêlo, G. H. (2005). O uso da fauna pelos moradores da Comunidade São João e Colônia Central. *Biotupé: meio físico, diversidade biológica e sociocultural do Baixo Rio Negro, Amazônia Central, 1.*

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Djalma Osmanir Pereira do Prado – 80%

Milena Ramires – 20%